

Ouvindo as notícias da manhã, atravessei o rio para ver como estava a minha mãe -  
- quantas revoluções houvera na I República, mesmo em frente à nossa porta.

Da janela de casa de minha mãe, olhei o quartel, naquele dia 25 de Abril de 1974. Como o meu pai gostaria de estar ali presente, saboreando a queda do regime.

Lembrei-me das tardes de sábado em que assistia aos concertos da banda da Guarda Nacional Republicana. Foi muito importante para a minha cultura musical, tendo fomentado o meu interesse pelos clássicos. Ouvia-se muito Saint-Saens, Rossini, Borodine, Mozart e tantos outros. O meu tio Teixeira era sargento músico nessa banda. Por vezes, ia visitar-nos depois do concerto e costumava envergonhar-me com a sua pergunta galhofeira «*Então, Carlos Alberto, como está o pau da roupa?*»

Talvez tivesse sido por sua influência que passei a ir, sem faltar nenhuma tarde sábado, ao concerto. De manhã era o «Cavaleiro Andante» e de tarde era o concerto. Entrava no quartel. Era conhecido de grande parte dos guardas. Alguns até eram meus vizinhos. Descia a ladeira. Os músicos chegavam, afinavam os instrumentos e ajeitavam as pautas e as cadeiras. O maestro aparecia, eles levantavam-se e nós batíamos palmas. Eu não ficava parado no mesmo sítio. Vagueava à volta da banda e a perspectiva do som alterava-se conforme eu estivesse mais perto dos instrumentos de sopro ou dos pratos e do bombo, onde eu me detinha frequentemente.

Gostava de ver a cavalaria sair do quartel, descendo a Calçada do Carmo e da elegância dos cavalos. No dia 1º de Dezembro havia a alvorada. A do quartel de baixo, de infantaria, tinha um toque diferente da alvorada do quartel de cima, de cavalaria. Depois, cerca das oito horas, a banda, perfilada no Largo do Carmo, tocava o hino nacional, o hino da restauração e a Maria da Fonte. Mal dormia de noite, com medo de não acordar a horas de poder assistir a esta cerimónia que se repetia todos os anos.

Naquele dia, porém, a GNR guardava o Primeiro-Ministro. Havia buracos de balas nas paredes do quartel. E o milagre aconteceu. Não se deram as cenas que o meu pai me havia relatado.

O regime caiu em paz.

(adaptação de ‘O 25 de Abril em Cuecas’, in ‘25 Olhares de Abril’, Carlos Garrido, Ed. Campo de Letras, Lisboa, 2008, prefácio de Maria Barroso)

Carlos Garrido, PhD  
(membro conselheiro no. 627)